

# Confronto – Um Diálogo com Deus, de Pedro Lyra

Hermínia Lima

Pedro Lyra sempre nos surpreendeu. Sempre nos provocou com inovações, ora temáticas, ora formais, ou temáticas e formais ao mesmo tempo. E, desta vez, em *Confronto – Um diálogo com Deus*, não foi diferente.

Neste livro, o poeta nos coloca diante de um diálogo incomum: um diálogo que se realiza entre um eu-lírico, o sujeito que fala no poema, e Deus, como anuncia explicitamente o subtítulo da obra. Entretanto, não se trata de um diálogo que se faz em forma de oração como habitualmente ocorre, numa relação de passividade, na qual o sujeito falante se dirige a um Senhor que é sempre um Ser superior, de autoridade e verdades inquestionáveis. Não, aqui, no diálogo de *Confronto*, o que temos é uma saudável provocação, uma contraposição teológica e ideológica, um questionamento da criatura diante do Criador. Antero de Quental, Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos e outros já o fizeram, mas não com tantos detalhes e argumentos como Pedro Lyra o fez.

Convém lembrar que esta não é a primeira vez que a poesia dialogal se faz presente na sua obra. Podemos até afirmar que esse recurso já é uma recorrência em sua poética. Para entender melhor o que agora afirmamos, devemos considerar três livros entre os sete de poesia antes publicados por ele. O primeiro grande diálogo poético é, predominantemente, lírico e surgiu nas páginas de *Desafio – Uma poética do amor*, seu 4º livro, indicado para o vestibular da UFC. Ali, o poeta dialoga com a musa e nos surpreende por colocá-la em posição de superioridade diante de si mesmo, o que não é muito comum entre os machos da espécie. A respeito de *Desafio*, assim falou Antonio Houaiss: “...seu Desafio não é apenas a arte de poetar o amor (que você consuma com mão e alma de mestre), mas também – e não pouco – a técnica pós-moderna de tentar poetar com elementos mentais e verbais novos...” O segundo diálogo – que também e mais nos surpreende – é o que Pedro nos oferta em *Errância – Uma alegoria trans-histórica*, obra em cujos versos ele nos revela o insólito encontro de um homem pós-moderno com a múmia de Otze, encontrada na fronteira dos Alpes ítalo-austríacos, onde dormia há 5.320 anos.

Nesse encontro, o poeta realiza uma viagem pela História da humanidade, na tentativa de informar a múmia sobre os acontecimentos do mundo durante o tempo em que ela esteve adormecida, enquanto a múmia o informa sobre um passado pré-histórico desconhecido para ele. Sobre *Errância*, Willson Martins declarou: “*poema épico de alta qualidade e tessitura literária, carregado pelo demônio socrático da fúria poética, inspirado pela meta-realidade realista do nosso tempo*”. Tão surpreendente é, também, o diálogo que encontramos nas páginas de *Jogo – Um delírio erótico-metafísico-econômico ou Uma aventura em versifrases*, um longo poema que nos transporta a um cassino de Lisboa e nos revela um personagem inquieto, reflexivo e perplexo em um mundo confuso, arriscado e sedutor, o cassino, local onde o sujeito trava conversa com diversos tipos humanos e oferece ao leitor um emaranhado intrigante. Sobre esse livro, Gilberto Mendonça Telles afirmou: *Jogo é “...um poema singular que se desdobra em vários planos (o do desejo, o do real, o do além) e reúne várias vozes (a do jogador, a da musa, a do adversário), bem diferente de tudo que vem sendo feito na atual poesia brasileira”*.

Agora, nas páginas de *Confronto*, o viés da reflexão filosófica é retomado de maneira ousada, numa perspectiva existencialista/desconstrucionista já anunciada na folha de créditos que epigrafa o livro. Os nomes que edificam o portal de entrada da obra já sugerem o rumo do *Confronto*. O tom de desafio se instala ali. São oito nomes que representam bem nobres linhagens da Filosofia, da Literatura, da Psicologia e da Teologia. Por ordem de apresentação: Epicuro, Santo Agostinho, José Camón Aznar, Denis Diderot, Omar Khayyam, Sigmund Freud, Tobias Barreto e José Saramago. Considerando o que conhecemos sobre o pensamento desses ícones, já se torna fácil perceber que o conteúdo do livro traz a marca da irreverência, da ousadia, do estilo incontido, típico dos vanguardistas.

O poema se agiganta numa longa e infundável indagação composta de muitas breves e densas questões. É o que se percebe logo nas primeiras páginas do livro através dos 57 indicativos temáticos que constituem o sumário e que nos orientam para os pontos que nortearão o diálogo.

Eles seguem uma ordem de indagações que se/nos encaminham para as tantas questões levantadas no poema. Entre elas, aqui destaco reflexões sobre o passado, o presente e o futuro da humanidade, sobre a criação do mundo, a origem do homem, o sentido da vida e sobre a própria existência de Deus. Essa seqüência de questões é intercalada por apelos, ao todo quatro, feitos, em tom de desafio, pelo rebelado que se dirige ao Pai ausente. São de imensurá-

vel grandeza os momentos em que o sujeito questiona sobre o “quando” e o “como” dessa tão prometida volta do Senhor. Além das indagações, surgem, ousadamente, sugestões alternativas para o retorno.

Mas não é só o conteúdo de *Confronto* que nos surpreende. O poema é uma surpresa aos olhos do leitor habituado à simétrica cadência e aspecto bem comportado dos poemas mais tradicionais. Escrito em *versifrases*, frases poéticas, esse longo poema se desenvolve em dicção predominantemente denotativa que se adéqua perfeitamente ao propósito provocativo, questionador e dialogal do conteúdo apresentado. A descontração formal conduz, com leveza e profundidade, o leitor ao âmago de uma densa questão filosófica. Os versos brancos e a liberdade métrica não comprometem a poeticidade do texto, pelo contrário, o poema surpreende pelo inusitado, pelas muitas e novas possibilidades sintáticas e semânticas que expressam um questionamento racional numa forma lírica, tanto gerada quanto provocadora de emoção. A irregularidade dos versos, alternando o breve e o longo, os alexandrinos, os decassílabos e as redondilhas, disfarçados no interior de extensos versículos bíblicos, materializam o conflito e a instabilidade do polêmico conteúdo, sem, contudo, apresentar descuido formal. Em vez disso, em todos os segmentos que compõem o poema, percebemos a consciência e a intenção do cuidado com a textualidade poética. A recorrência de determinadas estruturas, como o paralelismo, a seqüência de antíteses, a ironia, as sugestões rítmicas e outras, ajudam-nos a entender melhor o sentido e a perceber uma lógica formal interna na organização dos *versifrases*.

O poema ainda nos surpreende pela ousadia do contraste que se percebe entre o conteúdo e a intenção, frente à belíssima carta-prefácio que o antecede, escrita pela Prof<sup>a</sup> Vera Vouga, Prof<sup>a</sup> de Teoria Literária da Universidade do Porto, católica fervorosa e praticante. Diante de tal contraste, pensamos: por que logo a ela Pedro submeteu a primeira leitura do seu texto? É um detalhe digno de análise.

Ainda sobre a forma, não do poema, mas do livro, não poderia deixar de comentar sobre mais uma surpresa que a obra nos oferta: em suas “orelhas” e contracapa, a inusitada ausência de nomes consagrados da crítica literária, como os antes citados, que é substituída pela presença de 46 fragmentos colhidos em textos virtuais sobre o livro *Desafio*. Parece-nos este um caso inédito na poesia brasileira: um poeta abdicar das palavras acadêmicas de leitores especializados e credenciados por títulos e experiência e abrir espaço para o leitor comum. Não seria esse o sonho de muitos outros poetas? Quantos poetas da

contemporaneidade ou do passado já foram lidos e comentados em *e-mails*, *MSN*, *sites*, *blogs*, *chats*, *fotologs*, *homepages*, *orkuts* ou outros meios na Internet?

Inspirada no poema de Pedro, lanço agora outras questões a partir das tantas levantadas por ele. Qual o significado da grande indagação que o poeta nos apresenta? Qual o sentido desse longo questionamento? Por que ele escreveu este livro? Estaria ele em busca da Grande Luz ou desencantado pela descrença em relação a ela? Estaria ele querendo afirmar ou negar a existência do Absoluto? Eu mesma ousou responder com uma certa segurança: nem uma coisa, nem outra. Nem negação, nem confirmação. O poeta não questionou com o intuito de oferecer respostas precisas e definitivas. Assim como a Machado não importou provar a inocência ou a culpa de Capitu, interessando mais e, acima de tudo, provocar questionamento sobre um tema polêmico, o que fez com grandiosidade. Também Pedro, como Machado, não confirma, nem nega, apenas questiona e o faz com uma consistência surpreendente, daí o valor filosófico da obra. Não há uma resposta, porém mais uma questão que se apresenta. É o que se lê nas palavras finais do texto, quando, pela voz do poeta, fala o filósofo. E o poema se conclui com as seguintes palavras dirigidas ao Senhor:

*Isto  
não é uma blasfêmia*

*E  
não usei teu nome em vão,  
mas sim em transe  
ou mesmo em agonia.*

*É apenas  
uma indagação.*

*Uma longa e sofrida indagação.  
Um longo e sofrido desejo de dispensar a indagação,  
que jamais Te fizeram nestes termos  
nem neste estado.*

*Ou, simplesmente, poesia.*

*Pura poesia – exceto num ou noutra ideologema.  
O que tanto incomodava os estilistas.*

*Sabias – há 55 anos – que o haveria de escrever:  
se não o impediste, autorizaste.  
Ou, entre cósmicas faíscas, forneceste?*

*Não.*

*Ante o golpe do ponto final,  
é quase uma capitulação.*

*E não de um indivíduo desenganado,  
mas de toda uma espécie desiludida.*

*Ou*

*(em concentração de Vida, universal e redentora) um pedido,  
um incrédulo pedido de clemência.*

*– A quem?*

Vimos portanto que, depois de extenso questionamento, o poeta fecha o texto abrindo novamente o diálogo com mais uma indagação (a maior, mais profunda e mais sugestiva delas!), deixando assim ao leitor o direito e a provocação para a continuidade do colóquio que poderá estender-se por toda a eternidade.

Parabéns, Pedro!

Obrigada.